

Perspectivas da Esquerda Brasileira Após o Fim da União Soviética

Adriano Carmelo Vitorino Zão*

Resumo: A queda do “Muro de Berlim”, em 1989, constitui uma das grandes expressões simbólicas que marcaram uma inflexão qualitativa nas transformações econômicas, políticas e sociais no Leste Europeu, com impacto mundial e influência decisiva nos debates da esquerda mundial e brasileira. Neste sentido, a partir de um enfoque político, econômico e social, objetiva-se investigar o impacto da queda dos regimes do Leste europeu sobre as concepções da Revolução Soviética e sobre as perspectivas de transformação social dos partidos de esquerda no Brasil.

Palavras chave: Socialismo, Capitalismo, Esquerda Brasileira

Abstract: The fall of the Berlin Wall in 1989 represents one of the greatest symbolic expressions which determined an enhancement of the economic, political and social transformations in Eastern Europe with an enormous impact and a decisive influence on the leftist debates in Brazil and throughout the world. Starting from the political, social and economical focus, the aim here is to investigate the power of the fall of the eastern european regimes on the conception of the Soviet Revolution and on the perspectives of social transformation of the leftist parties in Brazil.

Key Words: Socialism, Capitalism, Brazilian Left.

Neste breve artigo apresentaremos o impacto do fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) nas reflexões acadêmicas para, na sequência, destacarmos a necessidade de desenvolver uma análise comparativa do impacto do fim da URSS entre os partidos da esquerda brasileira, sobre as possíveis alterações na interpretação do mundo a partir daqueles acontecimentos e de mudanças em suas perspectivas de transformação social. Identificamos a importância de uma apreciação mais densa do processo histórico que conduziu à restauração capitalista no Leste europeu para confrontarmos com as posições sustentadas pelas organizações de esquerda. Não apresentaremos análises conclusivas, antes, a relevância do tema para pesquisa e a identificação de fontes, onde podemos vislumbrar uma metodologia capaz de apreender o objeto em discussão.

Neste sentido, objetiva-se suscitar a investigação sobre o impacto da queda dos regimes do Leste europeu sobre as concepções da Revolução Soviética e sobre as perspectivas de transformação social dos partidos de esquerda no Brasil, tomando por referência o Partido

* Graduado e licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense (2007) e Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, bolsista da CAPES.

dos Trabalhadores (PT), o Partido Comunista do Brasil (PC do B), o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

As crises e rupturas dos partidos comunistas ganharam destaque, principalmente através do movimento dissidente conhecido como Eurocomunismo, a partir do XX congresso do PCUS realizado em 1956, após as denúncias dos “crimes de Stálin”. Contudo, a queda do “Muro de Berlim”, em 1989, constitui uma das grandes expressões simbólicas que marcaram uma inflexão qualitativa nas transformações econômicas, políticas e sociais no Leste europeu, com impacto mundial e influência decisiva nos debates da esquerda mundial e brasileira sobre as concepções da Revolução Soviética e as perspectivas de transformações sociais, em geral, e as propostas socialistas, em particular.

Não obstante, as concepções da Revolução Russa não foram apenas afetadas pelo fim do "socialismo real". A "Queda do Muro" serviu também como propaganda e justificativa ideológica para acelerar e consolidar o neoliberalismo, ao mesmo tempo em que as transformações econômicas e políticas, a introdução de novas tecnologias, as mudanças na organização do trabalho e a mundialização do capital foram utilizadas para refutar qualquer perspectiva de transformação social inaugurada pela revolução soviética. Há, neste sentido, uma relação dialética entre o simbolismo da queda do Muro e as mudanças estruturais do modo de produção capitalista nas últimas décadas.

Por outro lado, considerando os partidos políticos como instrumentos de disputa e luta pelo poder de Estado entre classes e frações de classes, a vitória nas eleições presidenciais de 2002 no Brasil por Luiz Ignácio Lula da Silva pelo PT - partido de influência majoritária entre os trabalhadores brasileiros - e o programa defendido desde então, apreende uma conjuntura histórica marcada pelo signo da queda do Muro em 1989 e expõe de maneira dramática seus limites e potencialidades, instituindo um novo marco para os posicionamentos das esquerdas brasileiras.

Após 1989 – em que o marco da queda do Muro de Berlim constitui a maior expressão simbólica – com o fim da União Soviética, a história soviética é tomada como um bloco monolítico, parafraseando uma corrente interpretativa. Isto é, o fim da União Soviética representa o fracasso da Revolução Russa ou, em outros termos, a Revolução de Outubro e o socialismo são tomados pelo fim da União Soviética, para não falar do próprio marxismo. A perspectiva mais “radical” apresentada – o termo correto talvez seja a mais superficial - é de uma contínua linearidade teleológica que parte do fim da URSS para invalidar o marxismo, com uma parada obrigatória na estação do Outubro Russo.

Uma aproximação do tema após 1989 é reveladora do espírito que ainda impera. Robin Blackburn, ex-assessor do governo cubano entre 1961-1962, em “O Colapso do Socialismo”, apreende o processo como comprometedor da própria idéia de socialismo para decretar: “(...) o comunismo hoje não é um espectro que ronda o mundo, e sim um pobre espírito que implora para ser deixado em paz.” (BLACKBURN, 1992: 107) Na mesma linha, Richard Pipes, professor de História da Universidade de Harvard e ex-assessor de Segurança Nacional do governo Ronald Reagan entre 1981 e 1982, no prefácio de “O Comunismo”, assevera: “Este livro é uma introdução ao comunismo e, ao mesmo tempo, seu obituário.” (PIPES, 2002: 09) Mesmo Eric Hobsbawm, que adota uma perspectiva mais reflexiva e exclui conclusões apressadas, ao analisar os acontecimentos do Leste Europeu não consegue evitar o desconcertante, impreciso e genérico título: “Adeus a Tudo aquilo”. (HOBSBAWM, 1992: 93) Hans Magnus Enzensberger, em sua “visão” do mundo após o fim da URSS, em “*Modos possíveis de caminhar: O Post-Scriptum da Utopia*”, sustenta que a “utopia” do internacionalismo proletário foi realizada pelo mercado capitalista e que:

“Tornam-se cada vez mais ilusórias até mesmo as diferenças que o consumismo pode oferecer, pelo menos nos países mais ricos. O escritor Henryk Broder afirmou recentemente, sem que ninguém o contestasse, que a cadeia McDonald’s de lanchonetes concretiza os princípios do socialismo em sua forma mais pura. Oferece a todos, seja quem for, sem distinção de status, raça, sexo ou nacionalidade, o mesmo produto, o mesmo serviço e a mesma qualidade, pelo mesmo preço. Sendo assim, pode tomar a si o célebre slogan revolucionário: ‘Servir ao povo!’”. (ENZENSBERGER, 1992: 42)

Segundo Enzensberger, o capitalismo realizaria, sem muito alarde, as promessas que, no movimento socialista, seriam “utópicas”. Ora, o capital nunca fez nenhuma distinção de *status*, raça, sexo ou nacionalidade, tanto para explorar quanto para realizar lucros. A proposição correta em relação ao McDonald’s reside unicamente na capacidade de superexplorar “internacionalmente” todas as cores e credos e “socializar”, através de seus produtos e mediante o pagamento de altos preços, um “regime alimentar” de qualidade questionável para “Servir ao seu bolso!”. Assim, na cínica superficialidade dos termos apresentados por Enzensberger fica o registro da conjuntura histórica.

Luiz Fernandes, em seu trabalho “*O Enigma do Socialismo Real*”, ao analisar as principais teorias sobre o caráter do Estado Soviético, sustenta, após o fim da URSS, a necessidade de alteração na teoria marxista para admitir como necessidade a elevada autonomia do Estado no socialismo, numa construção que busca alterar a teoria marxiana e

leninista sobre o Estado para eliminar as evidentes contradições entre essas elaborações e o processo histórico soviético. (FERNANDES, 2000)

Tomando por referência a própria sociedade russa, as reflexões de Boris Kagarlitsky - numa obra que apreende as transformações econômicas e sociais no Leste Europeu e analisa o processo de conversão da antiga *nomenklatura* em nova classe social - permitem uma aproximação do impacto das transformações na historiografia e na sociedade:

“As bancas de jornais agora estão abarrotadas de publicações que nos contam sobre os feitos maléficos dos bolcheviques, que mataram o último czar russo (...)
A condenação do Terror Vermelho é o resultado natural do debate aberto sobre o passado. É impossível escrever fielmente sobre a Revolução sem contar a verdade sobre suas ações; não se pode permanecer calado sobre os rios de sangue inocente que foram derramados. Mas o sangue não correu exclusivamente de um lado, e esta é a diferença fundamental entre os acontecimentos de 1918-21 e os dos anos 30. (...) Não ouvimos nada desse gênero dos nossos escritores liberais dos dias de hoje. Eles não têm problemas com o Terror Branco. Nenhum deles condenou o Terror Vermelho a partir de um ponto de vista humanístico geral. Sua crítica do bolchevismo é conduzida unicamente pelas posições do movimento Branco.” (KAGARLITSKY, 1993: 63-64).

Em 1991 a “*Folha de São Paulo*” reuniu um relato jornalístico dos acontecimentos do Leste Europeu, de José Arbex JR., com o sugestivo título “*A Segunda Morte de Lênin: O Colapso do Império Vermelho*”, (ARBEX JR, 1991) indicando, desta forma, que o fim da URSS remete para o sepulcro as idéias sustentadas e postas em prática por Lenin.

Na introdução de “*As portas da Revolução: Escritos de Lênin de 1917*”, Slavoj Žižek apreende o sentido orquestrado pela visão teleológica em relação à Revolução Russa através da repulsão compulsiva ao dirigente bolchevique:

“A primeira reação pública à idéia de retomar Lênin é, obviamente, uma risada sarcástica. Marx, tudo bem – hoje em dia, até mesmo em Wall Street há gente que ainda o admira: o Marx poeta das mercadorias, que faz descrições perfeitas da dinâmica capitalista; o Marx dos estudos culturais, que retratou a alienação e a reificação de nossas vidas cotidianas Mas Lênin não – você não pode estar falando sério! Lênin não é aquele que representa justamente o **fracasso** na colocação em prática do marxismo? O responsável pela grande catástrofe que deixou sua marca em toda a política mundial do século XX? O responsável pelo experimento do socialismo real, que culminou numa ditadura economicamente ineficiente? Então, se há um consenso dentro da esquerda radical na atualidade (o que resta dela), é que, para ressuscitar o projeto político radical, devemos deixar para trás o legado leninista (...)” (ŽIŽEK, 2005: 07)

Além do registro da mutilação do marxismo, através do apartamento entre teoria e prática, que permite sua inofensiva absorção pela academia e pelo mercado, Žižek aproxima-se do impacto do fim da União Soviética na esquerda mundial, da “experiência devastadora”,

que fez consenso na “esquerda radical” o repúdio ao legado leninista. Embora o legado de Lenin tenha sido ignorado pela imensa maioria da esquerda mundial, os termos apresentados por Žižek contém uma dose de generalização excessiva. Não obstante, permitem uma aproximação do impacto das transformações do Leste Europeu na esquerda mundial.

Neste sentido, saindo dos círculos acadêmicos para tomar uma referência de organização de esquerda que ilustra o “clima geral” despertado pelo fim da União Soviética, tomemos a apresentação da Revista “Marxismo Vivo”, edição do Comitê Coordenador pela Construção de um Partido Operário Internacional, publicada no Brasil pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Na edição nº 1 de junho/setembro de 2000, portanto, há mais de uma década da Queda do Muro de Berlim, apresenta:

“(…) Depois das revoluções do Leste europeu se desatou um debate entre milhares de lutadores no mundo inteiro. No início era um debate restrito à organizações e os meios acadêmicos.(…)

“O que está em discussão? Absolutamente tudo, tanto no terreno teórico como no político. O caráter dos países do Leste. O papel de Cuba. O papel do imperialismo. A validade da revolução socialista, do partido, da luta de classes, da violência revolucionária...”. (MARXISMO VIVO, 2000: 05)

O exemplo torna-se significativo na medida em que o próprio nome da revista, “Marxismo Vivo”, indica o contraponto ao fluxo corrente de idéias que relaciona um suposto fim do “socialismo” com uma suposta – e mais uma vez decretada - morte do “marxismo”. A própria Revista é uma proposta militante que procura, sob os escombros e a crítica do stalinismo, reagrupar setores do movimento dos trabalhadores após o fim da URSS. Contudo, mesmo situando-se num campo determinado para defesa de suas convicções aponta:

“(…) Vale a pena esclarecer que as forças que integram o Koorkom¹ participam do mesmo com uma posição determinada, que é a **defesa do marxismo**. Ocorre que o mesmo está sendo atacado por todos os lados, inclusive por um bom número de marxistas”. (MARXISMO VIVO, 2000: 05)

Em relação ao impacto dos processos do Leste Europeu sobre a esquerda brasileira encontramos uma referência na tese de doutoramento de Teones Pimenta de França: “Para onde foi o novo sindicalismo”, (França, 2005) na qual dedica o quinto capítulo à análise do fim da URSS sobre algumas organizações da esquerda brasileira com a perspectiva de compreender as mudanças operadas no movimento sindical brasileiro.

¹ Koorkom: Sigla em Russo para designar Comitê Coordenador pela Construção de um Partido Operário Internacional.

De uma maneira geral, as publicações sobre o fim da URSS referem-se a mudanças políticas e ideológicas de maneira genérica e apenas pontualmente apresentam relação com uma ou outra organização partidária brasileira. Apesar de existir uma grande variedade de artigos sobre o que se convencionou denominar de “fim do socialismo real”, não temos conhecimento, contudo, de nenhuma referência de uma análise histórica sistemática e comparativa do impacto dos acontecimentos do Leste sobre os partidos que tomamos por referência.

A Restauração capitalista no Leste Europeu, ou o que se convencionou chamar de "fim do socialismo real" tem dimensões históricas de tal magnitude que exige um amplo trabalho de pesquisa. Neste sentido, as conseqüências e a reflexão sobre esse processo transcendem os limites da História e envolvem várias esferas do conhecimento. Contudo, acreditamos que compreender o impacto destas mudanças na esquerda brasileira contribui para compor um quadro que relacione o geral e o particular, as partes e o todo.

Inicialmente, os ideólogos do capitalismo, apoiando-se numa análise superficial e impressionista da queda do muro de Berlim, apressaram-se em declarar e festejar a derrota de qualquer perspectiva de transformação do capitalismo. Estabelecida a “nova ordem” às promessas de um mundo de paz e prosperidade seguiu-se uma sucessão de crises, um cortejo de guerras onde o drama do Oriente Médio com a ocupação e resistência do Iraque, as atrocidades do Estado de Israel contra o povo palestino e a recente crise econômica - com epifenômeno na crise do sistema financeiro manifesto na queda dos índices da bolsa de valores de todo o mundo – constituem, na atualidade, as expressões mais flagrantes de que a superficialidade, a inexactidão das análises e promessas foram proporcionais à arrogância dos que proclamaram e desejaram o fim da História.

Na América Latina sucessões de crises econômicas e políticas abalaram vários governos. No Brasil esses elementos se combinam com as particularidades nacionais. Uma necessidade imperiosa de transformação social emerge nos eloqüentes índices de desemprego, no abismo social que possibilita a existência de 32 milhões de indigentes (segundo os últimos dados oficiais) numa economia que, apesar da crise, ostenta o 9º lugar no mundo, onde a concentração de renda, os conflitos no campo, e o crescimento da marginalidade e violência nos centros urbanos estabelecem condições intoleráveis de vida na sociedade brasileira. Neste cenário, considerando os partidos de esquerda como instrumentos de transformação social, a chegada do Partido dos Trabalhadores ao governo e a perpetuação das desigualdades sociais exigem reflexão e remetem para uma compreensão das transformações que pautaram as mudanças na esquerda brasileira e os limites das perspectivas adotadas. Analisar os processos

que engendraram mudanças tão profundas, verificar a procedência e o impacto histórico que essas mudanças operaram apresenta-se como uma necessidade histórica e prática da própria realidade brasileira, da vigência das possibilidades e necessidades de transformação social.

Podemos nos orientar, previamente, através do reconhecimento de que a queda do “Muro de Berlim” constituiu um dos elementos que provocaram importantes mudanças nos partidos políticos da esquerda mundial e brasileira. Da mesma forma, podemos estabelecer como hipótese norteadora que o que se convencionou denominar por “Fim do Socialismo Real” afetou de maneira distinta as organizações partidárias que tomamos por referência (PT, PC do B, PSTU e PCB). A distinção na apreensão do processo pode estar relacionada às concepções que sustentavam sobre o caráter da URSS e que, a partir da queda do Muro de Berlim, podemos inferir que houve diferenças na apreensão das características gerais da Revolução Soviética como paradigma de ruptura social e sobre o significado da queda dos Regimes do leste Europeu, alterando e afetando de maneiras diversas as perspectivas de transformação social dos partidos supracitados. Há uma relação dialética estabelecida entre a queda do muro de Berlim e as transformações estruturais do capitalismo nas últimas décadas, potencializando alterações sobre a apreensão da História da Revolução Russa e sobre as perspectivas de transformação social da esquerda.

Para investigação de um processo desta envergadura pode-se tomar como eixo ordenador de pesquisa as Teses e Resoluções Congressuais dos partidos, na medida em que registram uma determinada apreensão da realidade que, geralmente, ultrapassam análises e reflexões conjunturais, refletindo, de maneira condensada, períodos maiores de tempo e que remetem para mudanças teóricas e programáticas, institucionalizando interpretações da realidade e oficializando ações práticas. Neste sentido, tendem a registrar em profundidade o impacto do “fim da URSS” sobre as respectivas organizações partidárias.

A partir desta referência, é possível realizar uma análise comparativa com os periódicos das organizações, partindo da compreensão de que geralmente, por seu próprio caráter conjuntural, expressam posições mais imediatas sobre os acontecimentos e que muitas vezes ainda estão em seu pleno desenvolvimento. Isto possibilita acompanhar a apreensão da realidade pelas organizações, contrastar posições, identificar contradições e verificar rupturas. Há, ainda, as revistas teóricas das organizações partidárias que refletem de maneira mais profunda o impacto imediato de determinadas mudanças e os articula em sistemas explicativos mais amplos, apresentando respostas parciais que permitem identificar o caráter pioneiro e a gênese de elaborações e perspectivas mais densas, que serão adotadas ou descartadas nas teses e resoluções congressuais.

Há mais de um século Marx estabelecia de maneira revolucionária as relações entre o pensamento e a prática. Encontramos uma síntese desta expressão numa das Teses sobre Feuerbach: "Os filósofos - e frequentemente os historiadores, acrescentamos - têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo". (MARX & ENGELS, 1998: 103) Neste sentido, na perspectiva de ajudar a compreender para transformar, parece-nos relevante analisar até que ponto as transformações econômicas e a "Queda do Muro" e o fim da URSS solaparam as bases materiais e abalaram os conceitos teóricos que nortearam a compreensão da Revolução Russa - que embalsamaram os projetos de transformação social no Brasil - alterando as perspectivas e ações práticas dos partidos políticos de esquerda no Brasil.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

FONTES:

Resoluções de Encontros e Congressos: Partido dos Trabalhadores (1979-1998). DN (Diretório Nacional) PT/Fundação Perseu Abramo São Paulo: 1ª edição, 1998.

Revista Marxismo Vivo. 2000.

BIBLIOGRAFIA:

Arbex JR, José. "A Segunda Morte de Lênin: O Colapso do Império Vermelho." Folha de São Paulo: 1ª edição: novembro de 1991.

Engels, Friedrich. & Marx, Karl. A Ideologia Alemã. Tradução: Luiz Cláudio de Castro e Costa, São Paulo, Martins Fontes 2002.

Fernandes, Luís. : O Enigma do Socialismo Real – Um balanço crítico das principais teorias marxistas e ocidentais. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

França, Teones Pimenta de. Para onde foi o novo sindicalismo. (Capítulos 4 e 5) Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2005.

Hobsbawm, Eric. Era dos extremos – O breve século XX – 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. 2ª edição. Companhia das Letras, 1995.

_____. "Adeus a tudo aquilo". In: BLASCKBURN, Robin (org.). DEPOIS DA QUEDA. O FRACASSO DO COMUNISMO E O FUTURO DO SOCIALISMO. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

_____. "A crise atual das ideologias". In: SADER, Emir (org.). O MUNDO DEPOIS DA QUEDA. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

Kagarlitsky, Boris. A desintegração do Monólito. Tradução de Flávia Villas-Boas – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

Pipes, Richard. História Concisa da Revolução Russa. Tradução de T. Reis. Rio de Janeiro, Editora Record, 1995.

_____. O Comunismo. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Trotsky, Leon. A História da Revolução Russa. Tradução de E. Huggins. Vol. I, II e III. 3ª edição – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

Žižek, Slavoj. “As portas da Revolução: Escritos de Lênin de 1917”. Slavoj Žižek: Organização, introdução e posfácio. Tradução dos textos de Slavoj Žižek Luiz Bernardo Pericás e Fabrício Rigout. Tradução dos textos de Lênin: Daniela Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2005.